

## **Análise comparativa literária entre Segredos em Sulphur Springs e Vozes-mulheres**

Comparative literary analysis between Secrets of Sulphur Springs and Voices-women

Análisis literario comparativo entre Secretos en Sulphur Springs y Voces-mujeres

Regilsom Magalhães da Silva Júnior<sup>1</sup> 

Universidade Estadual do Ceará

Laíze Lima da Silva<sup>2</sup> 

Universidade Estadual do Ceará

Jackeline Sousa Silva<sup>3</sup> 

Universidade Estadual do Ceará

### **Resumo**

O objeto de estudo deste trabalho consta de uma análise comparativa entre a série *Segredos em Sulphur Springs* e o escrito *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo. Tem-se como objetivo investigar nas obras mencionadas três aspectos muito enfatizados por autores africanos em suas produções: racismo, ancestralidade e oralidade. Na metodologia, optou-se por pesquisa documental e bibliográfica, a partir de teóricos da área como Almeida (2019) e Chaves (2010). Como método de abordagem, utilizou-se o qualitativo, em que fez análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Nos resultados e discussões verificou-se que as obras analisadas contêm traços de racismo, ancestralidade e oralidade e fez-se uma discussão fundamentada na bibliografia pesquisada. Por fim, constatou-se que os estudos de literatura africana nos espaços de formação educacional são essenciais para a construção de uma nação mais justa, pois sua estrutura promove a emancipação e o senso crítico dos leitores.

**Palavras-chave:** Ancestralidade. Literatura africana. Racismo. Oralidade.

### **Abstract**

The object of study of this work consists of a comparative analysis between the series *Secrets of Sulphur Springs* and the writing *Voices-women* by Conceição Evaristo. The aim is to investigate three aspects in the aforementioned works that are highly emphasized by African authors in their productions: racism, ancestry and orality. In the methodology, we opted for documentary and bibliographical research, based on theorists in the area such as Almeida (2019) and Chaves (2010). As an approach method, qualitative was used, in which content analysis was carried out (BARDIN, 1977). In the results and discussions, it was found that the works analyzed contain traces of racism, ancestry and orality and a discussion was held based on the bibliography researched. Finally, it was found that studies of African literature in educational training spaces are essential for the construction of a fairer nation, as its structure promotes the emancipation and critical sense of readers.

**Keywords:** Ancestry. African literature. Racism. Orality.

### **Resumen**

El objeto de estudio de este trabajo consiste en un análisis comparativo entre la serie *Segredos em Sulphur Springs* y el escrito *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo. El objetivo es investigar tres aspectos de las obras mencionadas

1 Graduando em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). E-mail: regilsom.junior@aluno.uece.br.

2 Graduanda em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). E-mail: laize.lima@aluno.uece.br.

3 Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Língua Portuguesa. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua nas áreas de leitura, escrita, letramento literário e novas tecnologias. E-mail: jackelines.silva@uece.br.



que son muy enfatizados por los autores africanos en sus producciones: el racismo, la ascendencia y la oralidad. En la metodología se optó por la investigación documental y bibliográfica, basada en teóricos del área como Almeida (2019) y Chaves (2010). Como método de abordaje se utilizó el cualitativo, en el que se realizó análisis de contenido (BARDIN, 1977). En los resultados y discusiones se constató que las obras analizadas contienen rastros de racismo, ascendencia y oralidad y se realizó una discusión a partir de la bibliografía investigada. Finalmente, se encontró que los estudios de la literatura africana en espacios de formación educativa son fundamentales para la construcción de una nación más justa, pues su estructura promueve la emancipación y el sentido crítico de los lectores.

**Palabras clave:** Ascendencia. Literatura africana. Ramos. Oralidad.

## 1. Introdução

O título deste trabalho remete a uma análise comparativa realizada entre a série *Segredos em Sulphur Springs* e o poema *Vozes-mulheres*, da escritora Conceição Evaristo, nos quais são observados pontos que se aproximam e que divergem, como é o caso do racismo, da ancestralidade e oralidade.

É perceptível que a literatura africana de língua portuguesa é uma vertente pouco discutida nos ambientes escolares e até mesmo nas instituições de ensino superior, o que se reflete como nossa problemática, a qual serviu de estímulo para a elaboração deste estudo, tendo em vista as características incorporadas no *corpus* da pesquisa e nas produções em português de escritores africanos.

Nessa perspectiva, Rita Chaves (2006) discorre que, sobretudo, a partir dos anos 1940, os escritores africanos de países dominados por Portugal nutrem, com a literatura brasileira, um vivo processo de interlocução, que se fortifica no momento em que se reforçam os projetos de construção de identidade nacional, os quais perduram ao longo das lutas que precederam a libertação de países como Angola, Cabo Verde e Moçambique.

Com o intuito de comprovar seu argumento, a pesquisadora menciona ainda autores como Antônio Jacinto, Mário Antônio, Luandino Vieira, José Caveirinha, Gabriel Mariano e tantos outros que almejavam por meio de seus escritos oportunizar debates sobre a libertação inspirando-se em obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, estes que, em detrimento das vulnerabilidades sociais existentes no Brasil, pretendem delatar, por meio de suas obras, injustiças e mazelas do território brasileiro, fomentando ações de protesto e retratando o mundo sob novas óticas. Outrossim, ainda hoje essa ligação entre autores africanos e brasileiros persiste, como é o caso do autor moçambicano Mia Couto, que se inspira em Guimarães Rosa ao produzir seus escritos.

Nesse percurso, é importante destacar que os textos de cunho africano, além de relatarem histórias belíssimas, também trazem em sua raiz tons de resistência. Talvez aí esteja o motivo de não serem tão reconhecidas como as obras clássicas de Shakespeare, Charles Dickens, Luís de Camões e outros que, sem fazer desmerecimento algum de seus livros, são plenamente enaltecidos enquanto existem outros autores como Noémia de Sousa, com sua obra *Sangue Negro* (2016); Chimamanda, com *O Perigo de uma História Única* (2009); Mia Couto, com o *Terra Sonâmbula* (2016); Paulina Chiziane, com o romance *Balada de Amor ao Vento* (2022), e tantos outros nomes que, com suas letras, denunciam, incomodam e abordam vivências tão relevantes quanto de escritores ocidentais, trabalhando com poemas, palestras, romances, ficções e outros gêneros de combate, resistência e identidade nacional.

Em face do exposto, cabe fazer menção à Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, impressa como nota de rodapé na BNCC (Brasil, 2018), que revela a obrigatoriedade de inclusão, no currículo oficial das redes de ensino, da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, demonstrando a magnitude de se trabalhar em sala de aula o reconhecimento da luta e da história dos povos afro-brasileiros, de modo a contribuir com a formação humana, podendo até ser feito um momento de interdisciplinaridade entre os componentes curriculares das áreas de Linguagens e Ciências Sociais. É importante evidenciar que essa ação não deve ser feita apenas nas proximidades do dia 20 de novembro, data alusiva à Consciência Negra, pois essa é uma temática que deve ser abordada em sala de aula continuamente e, sobretudo, nos Clubes e/ou Círculos de Leitura, os quais são ambientes de roda de conversa que alimentam o senso crítico dos alunos, manifestando o poder humanizador e denunciador da literatura.

Diante desse cenário, a realização desta pesquisa justifica-se, inicialmente, de ordem teórico-científica, por tratar de uma temática relevante para os estudos críticos literários, de modo a contribuir para ampliar o rol de estudos na área. No âmbito social, a significância se dá por abordar obras que retratam atitudes humanas de forte impacto, positivo e negativo, que necessitam ser avaliadas e discutidas, com o intuito de refletir acerca das diferentes expressões e desconstruções atinentes aos povos do continente africano.

Em face do exposto, temos como objetivo geral deste artigo: investigar a presença de três aspectos bastante apresentados nos livros africanos de língua portuguesa: racismo, ancestralidade e oralidade em duas obras veiculadas em diferentes suportes. Como objetivos específicos, pretendemos: analisar os aspectos enfatizados na série *Segredos em Sulphur Springs*, disponível no *streaming* Disney+, e no poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo; estabelecer um comparativo entre os pontos convergentes e divergentes entre as obras analisadas, à luz da fundamentação teórica abordada no estudo.

Para o alcance desses objetivos, delineamos o seguinte caminho metodológico a seguir.

## 2. Metodologia

O percurso metodológico deste estudo foi guiado a partir de uma abordagem qualitativa. Para Vieira (2010, p. 88), “a natureza da pesquisa qualitativa exige um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e, também, uma interação entre o pesquisador e o objeto”, sendo importante ressaltar que esse tipo de pesquisa dispensa instrumentos padronizados de análise.

Como procedimentos técnicos, definidos por Prodanov e Freitas (2013) como a maneira pela qual obtivemos os dados necessários para a construção do estudo, optamos pela realização da pesquisa documental e bibliográfica, que os autores reconhecem como pesquisas que podem se confundir. Nesse contexto, apontamos Gil (2008) que as diferenciam indicando que a primeira debruça-se sobre materiais – documentos, filmes, textos e outros materiais – que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem apresentar resultados diferentes a depender dos objetivos do estudo; enquanto a segunda abarca a contribuição teórica de diversos autores sobre as temáticas enfatizadas.



De antemão, fizemos uma pesquisa documental, na qual foram assistidos no período de 01 a 13 de junho de 2024 um total de 27 episódios que contemplam as três temporadas da série televisiva *Segredos em Sulphur Springs*, criada por Tracey Thomson e dirigida por Charles Pratt, Jr., por ora, disponibilizada pelo *streaming* Disney+.

A partir disso, fizemos anotações de partes que referenciam o racismo apresentado em diferentes décadas, além de aspectos relacionados à ancestralidade e à oralidade, muito propagadas nos escritos africanos de língua portuguesa. Por conseguinte, as notas foram digitadas e integradas à seção posterior.

No âmbito da revisão bibliográfica, empreendemos pesquisas em livros de contos, romances e poemas, os quais discutem a importância da oralidade e dos laços ancestrais cultivados pelos povos africanos, priorizando aqueles que apresentam denúncias contra o racismo, de forma a dialogar com trechos de episódios da série em foco no estudo. Após fazermos um levantamento das leituras, elegemos o poema “Vozes-mulheres”, disponível em *Poemas da recordação e outros movimentos*, da autora Conceição Evaristo.

Ainda nessa linha de pesquisa, consultamos livros científicos, ensaios e artigos, entre os quais foram citados Almeida (2019), Chaves (2010) e outros autores, que estudam obras de literatura africana em língua portuguesa. Além desses estudiosos, vale citar Chimamanda (2009) e Rui Manuel (1987) que, com suas produções destacam a necessidade da desconstrução de imagens estereotipadas referentes aos povos africanos, ressaltando que todos os textos desses autores foram refletidos na disciplina optativa de Tópicos de Literatura Africana de Língua Portuguesa, ofertada para o curso de Letras – Língua Portuguesa, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECL. Esta etapa teve a finalidade de sustentar toda a discussão realizada em torno da comparação entre as temáticas extraídas da série televisiva e do poema de Conceição Evaristo.

Dessa forma, este trabalho também utilizou a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), que constou da seguinte sequência: pré-análise – compreendida como a organização das obras que constituem o *corpus*; desencadeou na exploração do material, consistindo no confronto das concepções e na identificação de traços congêneres; e culminou no tratamento dos resultados – avaliação e detalhamento das exposições. Por fim, todos os procedimentos expostos acima são considerados pertinentes, tendo em vista a análise que resultou na confecção dos resultados e discussões.

### 3. Resultados e Discussões

A literatura africana de língua portuguesa – mesmo ficando contemplada diversas vezes no final dos livros didáticos ou apenas no dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro – aborda na sua essência, para além do racismo contra pessoas negras ou calamidades sociais vivenciadas no continente africano, uma reflexão crítica de impacto na formação humana. A partir disso, veremos elementos utilizados como pano de fundo na série americana *Segredos em Sulphur Springs*, que ressaltam a importância dos laços ancestrais bastante cultivados pelo povo africano, na constituição identitária do indivíduo, cotejada com o poema *Vozes-mulheres*, da Conceição Evaristo.

Sob a perspectiva da temática do racismo, as duas obras apresentam-na em contextos cronológicos, remetendo-se ao passado que se desemboca no tempo presente. O descaso vivido por gerações exibe um desafio que, à vista de séculos passados, vem sendo reparado por intermédio de leis e atitudes sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos a todos, no entanto, ainda necessita ser refletido e tratado em sociedade. Perante o exposto, cabe mencionar o que explica Silvio Almeida acerca do conceito de racismo:

[...] Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. [...] (Almeida, 2019, p. 15).

Em vista disso, pode-se inferir o motivo de muita gente conceber o racismo como uma problemática que perduravelmente há de subsistir, por ser uma característica enraizada histórico e socialmente como “normal”. A conformidade com esse pensamento faz-se presente na postura individualizada, investida de ideologias discriminatórias impostas pela comunidade na qual está o sujeito inserido, passa a agir como ela o instrui. Por conseguinte, entra em questão aqueles dizeres populares que tentam justificar, como: “sempre foi assim...” ou “todo mundo faz/diz...”, pois eles interferem na aplicação de uma atitude que, posteriormente, implicaria na mudança desse quadro.

Em diversas obras da literatura africana de língua portuguesa, é nítida a presença de traços relacionados à ancestralidade e à oralidade. Isso se dá por conta de um elemento essencial na construção dos textos, que é mencionado por Rui (1987): “[...] E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. Se o fizer deixo de ser eu e fico outro, aliás como o outro quer. [...]”. Nesse sentido, a Identidade é primordial para os escritores africanos, pois o mundo tem várias interpretações no tocante ao povo que vive nesse continente, a maioria delas fundamentadas em leituras de livros históricos ou pelos meios midiáticos. E é justamente por esse motivo que o autor enfatiza a questão do sou/somos, para que as nações os conheçam a partir das versões contadas por eles mesmos e não pelo estrangeiro.

Um bom exemplo ligado ao assunto é dado pela nigeriana Chimamanda Adichie (2009, p. 10), ao relatar que ao mudar-se para estudar nos Estados Unidos da América, conhece sua colega de quarto, americana. Esta, questiona-a onde aprendeu a falar inglês tão bem, sendo que a língua oficial da Nigéria é o inglês; a jovem ainda faz outras presunções, sendo todas desconstruídas pela autora. Essa experiência nos mostra o quanto a mídia pode influenciar na concepção imagética de um povo específico, criando entendimentos distorcidos, que generalizam espaços, vidas e culturas. Sem dúvida, na África há fome, secas, guerras e outros desafios que os demais continentes também enfrentam, entretanto, também existem pontos positivos, os quais países africanos têm orgulho de apresentar.

### 3.1. As obras à luz do aspecto do racismo

Em *Segredos em Sulphur Springs*, os personagens Harper, protagonizado por Kyliegh Curran, e Griffin, por Preston Oliver, descobrem no ano de 2020 um abrigo secreto no porão do Hotel Tremont, para onde Griffin e sua família acabaram de se mudar. Nesse espaço secreto, há um túnel que finda numa escotilha e, ao cruzarem-na, depois que ligam um rádio antigo, eles voltam trinta





anos no passado. Ao perceberem isso, começam a investigar o desaparecimento de uma menina chamada Savannah, representada por Elle Graham.

Esses acontecimentos procedem da primeira temporada, na qual o episódio 10 traz uma cena que se passa em 1962, quando Griffin e Harper (vindos de 2020) estão à procura de Savannah e, ao chegarem, os protagonistas observam um cenário diferente do que estão acostumados. O protagonista espera não serem notados, enquanto a garota tem o semblante preocupado, compartilhando do mesmo anseio.

Na situação em foco, os negros são apenas funcionários do hotel. Os protagonistas tentam entrar no Tremont, mas são barrados por um dos empregados de nome Greg, vivido por Werner Leonard Richmond, o qual pergunta se pode ajudá-los e se a amiga que eles estão procurando é hóspede do hotel. Griffin responde a todos os questionamentos e, ao fundo, uma voz diz: “Eu falei para resolver isso, Greg!”. É então que o empregado muda de expressão, lamenta e proíbe suas entradas. Harper puxa Griffin, mas ele insiste; Greg explicita que ele sim, pode entrar, mas ela não. A menina explica que é por causa da cor da pele dela, ao que Griffin fica sem acreditar e acha que pode reverter o acontecido alegando que Harper é sua melhor amiga, porém, não adianta e os meninos saem. O garoto interroga à personagem como pode estar tão calma, ela nega estar assim e acrescenta não ter como ele entender.

Mas por que a cena descrita seria incompreensível para ele? Devido a um processo de desconstrução histórica, registrado por muito tempo nos livros, os quais exaltavam a figura do homem branco, como discute Manuel Rui, em seu ensaio intitulado *Eu e o outro – O Invasor ou Em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*:

Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmonta-lo peça a peça, refazê-lo e disparar ao contra o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride. Afinal assim identifico-me sempre eu/até posso ajudar-te à busca de uma identidade em que sejas tu quando eu te olho/em vez de seres o outro (Rui, 1987).

É perceptível, por meio da composição de metáforas, a denúncia estampada pelo autor, ressaltando a identidade furtada pelos colonizadores que, sem respeito algum, chegaram com imposições julgando fazerem o bem, no entanto, mancharam a história de um povo, descaracterizada no decorrer dos anos. Dessa maneira, a indiferença é acarretada de longas datas, muitas vezes foram caladas e, na maioria das vezes, a injustiça prevaleceu. Isso sucede no episódio seis da segunda temporada, no qual Harper se passa por irmã de Sam (Ethan Hutchison), em 1930. Na ocasião, eles e Elijah (Robert Ray Manning Jr.) constatam que o juiz Walker (Garret Kruithof) alterou os papéis de venda da fazenda após a assinatura, pelo que Sam, indignado, afirma que seu pai deve denunciar. Todavia, Elijah pergunta se alguém acreditaria nele e, conformado, manda os meninos arrumarem as coisas.

No quinto episódio da terceira temporada, Daisy (Ashley Jones) – em sua fase adulta – e Griffin conversam até o juiz aparecer na porta do quarto, a primeira desvia o olhar para mesa e tampa os frascos do creme, enquanto o último inquire ao garoto como está; este agradece à mulher, que sorri. Porém, é só o juiz, com sua arrogância, dizer que não há precisão de agradecer à “criada” que ela faz cara de revolta. Griffin comenta parecer que o homem tem grandes planos para o hotel; o segundo, com sua soberba, fala que o Tremont será o grande legado da cidade e tem certeza de que

o dele também. Daisy estranha e seu semblante se revolta outra vez. O juiz olha-a com nojo e fala ter terminado a “pausa” dela.

As cenas relatadas acima se configuram no seguinte excerto do poema de Conceição Evaristo: “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo.” (Evaristo, 2017, p. 24). Nesse contexto, os personagens tanto da série quanto do texto já estavam tão resignados com as iniquidades que apenas obedeciam; embora já existisse lei contra a escravidão, eram tratados como tal, sem contar que muitos negros eram e são tratados como criminosos.

Diante de tal cenário, como poderiam argumentar se a cor de sua pele já lhes dava a sentença? Ninguém acreditaria no Elijah por conta disso, pois tudo relacionado aos negros era considerado ruim pela mentalidade racista. Isso prevaleceu, inclusive, em tantos termos de sentido pejorativo, que ao passar dos anos foram pronunciados e, há pouco tempo, analisados e descartados do vocabulário.

Outro trecho do poema que dialoga com as exposições feitas anteriormente a respeito da série é este: “A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela” (Evaristo, 2017, p. 24). É como se a escritora estivesse pensando na personagem Daisy, que suporta todos os escárnios proferidos pelo juiz Walker, tendo em vista manter-se no emprego e assim suprir com as suas demandas e as da filha, além da conexão familiar propiciada pelo Tremont.

Nessa perspectiva, uma interpretação dos instrumentos analisados expressa que ambos apresentam o negro como uma propriedade das pessoas brancas, imagem esta, compatível com registros históricos, tornando a contemporaneidade, por conta da desumanização causada pela diferença de cor da pele e de classe social, submetida a um sistema corrupto que categoriza sujeitos e suas qualificações, sem atribuir importância à legitimidade de seus direitos. Em relação a isso, a contadora de histórias moçambicana, Paulina Chiziane (2018), reflete em *O alegre canto da perdiz*, a realidade de uma mulher negra que tem seu grito de liberdade sufocado e é subordinada às vontades do marido negro ou do amante branco, lutando para manter uma família multirracial por meio de casamentos por encomenda, de venda do corpo. Ou seja, assim como retratado nas obras analisadas, em outros textos de autores africanos é explícito observar o silenciamento dos povos, com ênfase nas pessoas do sexo feminino.

Na segunda temporada, desta vez no quinto episódio, em 1930, Harper e Sam fazem compras e passam por dois bebedouros, sobre os quais há placas: *Colored* (Negros) e *White* (Brancos), escancarando a segregação existente na época. A terceira temporada apresenta outro fato interessante, Savannah está em 1947 e encontra Daisy (Ashley Jones) trabalhando no hotel; a filha de Daisy, Ruby (Jaidyn Triplett) – que auxilia sua mãe nos serviços – estranha a maneira como sua mãe trata Savannah, então vai à sua procura para pedir explicações. Durante a conversa, pessoas ao redor ficam comentando e com cara de espanto, ao verem uma menina branca e uma negra dialogando. Fica notória outra vez a predominância de empregados negros, sobretudo na área da limpeza.

Sob esse viés, não estamos estereotipando os serviços gerais como uma função indigna ou vergonhosa, porém, vale refletir o motivo desse trabalho ser designado, acima de tudo, a pessoas negras. Decerto, uma das principais consequências que acarretam essa conjuntura são os fatores



históricos e, mais ainda, sociais, argumentos coerentes, mas não justificáveis para a persistência da desigualdade de oportunidade entre raças. Há políticas públicas que objetivam reverter este cenário, todavia, governo algum tem a capacidade de mudar uma realidade, que depende também, e principalmente, da sensibilidade e consciência humana.

Ademais, na terceira temporada, episódio sete, Daisy anuncia à sua filha que elas irão partir em breve para outro lugar, pois não gostam delas ali. Após mandá-la organizar suas coisas, reclama com Savannah e Harper, por acreditar que elas contaram sobre a viagem no tempo a Ruby. Elas contrapõem e completam que aquela havia falado sobre o assassinato no quarto 205, ao que Daisy pasma. Harper sente muito, aquela diz ter sido a pior noite da vida delas e que Ruby não deveria ter entrado naquele quarto. Savannah interpela que a menina é inocente, mas mesmo assim, a mãe implica ser perigoso suas permanências e as adverte de sumirem também. Isso significa que, mesmo a adolescente sendo honesta, ela seria culpada por causa da exteriorização.

Os trechos citados são um espelho das indiferenças às quais os negros tiveram de vivenciar por séculos. Cabe, então, compará-los ao que exorta Conceição Evaristo (2017, p. 24): “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio. / Ecoou lamentos / de uma infância perdida”. No navio da vida, muitos tiveram que abrir mão de suas brincadeiras e de outras coisas para poderem resistir, como foi o caso da personagem Ruby, pois, ao invés de se divertir com as outras crianças do Tremont, ela cooperava com sua mãe no desempenho de seus afazeres. Vale ressaltar os inúmeros lamentos advindos das situações de descaso e injustiça sofridas pelas vozes caladas, como por exemplo, ao serem abordados pela polícia sem terem cometido nenhuma ilegalidade. Por conseguinte, é propício discutir a teoria sobre *racismo estrutural* discorrida por Almeida (2019, p. 32):

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratam de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc.

Esse trecho retrata que, com o passar do tempo, em certas ocasiões, as pessoas se sentem tão conformadas com os acontecimentos que acabam tornando algo ruim em normal, deixando-se levar pelo costume. O autor visa despertar o leitor para esse contexto, pois o comodismo é um dos véus que embaça a visão da população que não enxerga a veracidade da desigualdade racial. Dessa forma, o racismo vai subsistindo-se por meio de ações consideradas rotineiras, mantendo um ciclo de perpetuação comportamental contrário às práticas de ética e cidadania.

É cognoscível que tanto nos trechos expostos do seriado televisivo quanto no poema há registros da colocação de Almeida (2019). A segregação, a conformidade, o silêncio, a soberba, a indiferença, dentre outras temáticas apontadas, são nutrientes que fortalecem a desigualdade racial. Qual a causa do estranhamento dos funcionários e dos hóspedes ao verem Savannah, de pele branca, e Ruby, de pele negra, conversando tão abertamente? É inferível, visto que aquilo não era comum na época. Os ecos entalados descritos por Conceição são a prova de um mal persistente e



ainda ignorado, enraizando-se numa estrutura social que manipula instâncias menores a progredirem de maneira conservantista.

### 3.2. As obras à luz dos aspectos da ancestralidade e oralidade

A série *Segredos em Sulphur Springs* e os versos de *Vozes-mulheres* são recheados de cenas que ressaltam a magnitude das relações fraternais oriundas da ancestralidade. Já na primeira temporada, o Hotel Tremont começa a ser assombrado por um fantasma que, de antemão, não se sabe quem é ou o que deseja. No episódio nove, Sarah (Kelly Frye), mãe de Griffin, está ao telefone dizendo que vai embora e de repente, uma ventania invade o quarto; no mesmo instante, no espelho aparece a expressão “Stay”, ou seja, “Fica”.

Ainda nessa cena, vale destacar que havia um cômodo secreto no qual um gravador não parava de tocar, Harper e Griffin vão até lá investigar e encontram um rádio parecido com o que fica no abrigo subterrâneo. Em seu interior, contém uma roleta com números que não giram quando Griffin a pressiona, mas com a Harper sim, pois a máquina do tempo foi criada pelo bisavô da garota; ela roda parando numa combinação. Logo, eles correm ao abrigo, abrindo o rádio deste local e encontram a mesma roleta; então, o garoto prefere que sua amiga coloque a combinação encontrada. A partir disso, torna-se possível que os personagens voltem no tempo pelos anos que quiserem.

No primeiro episódio da segunda temporada, o espírito escreve “Go back”, isto é, “Voltem” no mesmo espelho, mas dessa vez, direcionado a Griffin e Harper, almejando que esses personagens fossem até 1930. Regressando a esse ano, escutam Grace (Kenneisha Thompson), procurando algo nas termas, cantarolando a mesma música ouvida por Sarah, ao se aproximar do quarto de seu filho. Em outro cenário, Sam mostra à Daisy a pulseira, que foi deixada cair pela protagonista ao fugir na sua primeira visita. Ao partirem, Griffin nota uma mulher negra na janela que grita e desaparece. Eles comentam sobre o ocorrido e se deparam com a lápide de Grace, constatando que na verdade, quem os chama é o fantasma da Grace Tremont–tataravó de Harper.

No episódio quatro, Harper vai às termas, toca na água e tem uma visão, pois de algum modo é como se ela tivesse uma ligação com as águas das termas, assim como Grace tinha. O juiz Walker vai à fazenda dos Tremont (em 1930, o hotel não existia ainda) para refazer sua oferta. Sam e Harper demonstram repulsa; o juiz complementa, os meninos estranham e ele faz uma ameaça implícita. Nesse momento, Elijah entra em casa e o vilão vai embora. Sam fala que não podem vender o terreno, mesmo ficando com a casa, para ele era errado, remetendo-se ao que a mãe diria.

No quinto capítulo, durante o encontro entre as crianças e o juiz em frente aos bebedouros, o último insiste em querer ajudar a família e entrega um envelope com escrituras à Harper, Sam se sente inconformado, notando a diferença e indagando porque ela não conta as coisas para ele já que eram confidentes, é aí que a personagem tem novamente a visão de um incêndio e vê a sombra do juiz. Ao mesmo tempo que Sam anda de um lado para o outro, Elijah está analisando as escrituras e diz que o juiz é um homem de palavra, Harper concorda timidamente com a cabeça. Nisso, o menino interrompe e suplica para seu pai não vender as terras, pois é tudo que eles têm da mãe. Elijah justifica dizendo que a mãe deles estará aonde forem. Então, o filho lhe interroga o porquê daquilo parecer tão errôneo e o pai sai.



Harper conversa com Sam pedindo-lhe para confiar nela, explicando as visões e que Walker incendiará a casa, caso não vendam a propriedade. Depois os papéis são assinados e vem um oficial de justiça com uma ordem de despejo para a família em 48 horas. O juiz os havia enganado. No episódio seguinte, Savannah sai de um esconderijo e fala que agora sabem como a família da Harper perdeu o Tremont e as duas tomam conhecimento da vontade de Grace. Sam sai revoltado e vai à procura do juiz para enfrentá-lo. Harper tenta impedi-lo, mas é em vão. Na oportunidade, Savannah entra no prédio e descobre onde o impostor guarda a documentação original e monta um plano para recuperá-la.

Até aqui, é possível notar que o personagem Sam sempre faz menção à sua mãe quando surge algum problema, na maioria dos casos, ao tentarem vender suas terras que, para ele, seria uma desonra, ou seja, seria uma ofensa à memória de sua ancestral. Para deixar o enredo mais aterrorizante, surge um avejão, cuja função é praticamente a mesma da bisavó do poema: enfatizar que até o presente no qual sua descendente está inserida, houve muitos casos de agressões que se repetiram de variados meios, e que foram cessando por constantes lutas, que não são herdadas, mas sim, necessárias. Como diz Rui (1987, p. 309): “[...] Afinal isto é uma luta [...]”, em outras palavras, não é continuar com a mesma “ladainha”, não é “caçar confusão”, é defender a integridade e os direitos do ser humano.

No decorrer da série, nota-se que o hotel é como se fosse a força motriz que une o antigo ao novo, por exemplo, no episódio sete da terceira temporada. Sam (Eugene Byrd), na fase adulta, surpreende-se ao saber por meio de Zoey (Madeleine McGraw) que Ruby (Joyce Guy), já idosa, reside nas proximidades do pântano, onde seus antepassados viveram após a fraude cometida pelo juiz. Já no capítulo quatro, no momento em que Savannah questiona o motivo de Daisy trabalhar para o homem que roubou as terras de sua família, a mulher responde que fez aquilo para sentir a presença da mãe. Segundo ela, toda vez que entra no Tremont é como se a Grace nunca tivesse falecido. No episódio dois da segunda temporada, Elijah também afirma sentir a presença de Grace naquele local.

Na última temporada citada, no quinto episódio, em 2020, Daisy – passando-se por sua bisneta – e sua família refletem sobre a ligação com o Tremont. Jess (Diandra Lyle) – mãe dos meninos – exprime que o lugar é amaldiçoado e não entende que os meninos continuem indo lá. A isso, Topher (Bryant Tardy) responde que ela própria revelou que o pai era atraído pelo local e que a irmã também era, antes mesmo dos Campbell aparecerem, além de que ele mesmo não consegue deixar de visitar o espaço. Daisy argumenta que Jess age da mesma forma, e essa, por sua vez, alega que só vai ao Tremont para buscá-los e que o pai deles tinha essa obsessão, pois as terras pertenciam aos seus parentes.

Dessa maneira, fica nítido que tanto um como o outro persistem em frequentar o hotel, pois de alguma forma sentem-se conectados a ele. Fatos também expostos na escrita de Conceição Evaristo, em que os ecos perpassam pelas gerações, vinculando-as de um modo que provavelmente nem as próprias personagens percebem. Contudo, suas falas e atitudes transpassam os laços sanguíneos, fomentando o desejo de lutar e garantir o seu bem-estar. Como sucedeu com a Grace, ela motivava mesmo macabramente que sua tataraneta voltasse no tempo em busca de tomar ciência das atrocidades às quais a família submeteu-se e que, de algum modo, esse quadro fosse revertido.

Ante o exposto, cabe fazer referência à obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2016), na qual é descrita a volta de Marianinho (que recebeu esse nome do avô) à Ilha de Luar-do-Chão, com a atribuição de articular as cerimônias fúnebres do avô. Contudo, ele percebe que seu retorno não se limita a isso, trata-se também de um renascimento, no qual revestido de hábitos de um branco, se depara como um estranho entre seus parentes e pessoas da mesma cor de pele. Dessa forma, fica evidente não somente o sentimento de pertencimento desenvolvido nos objetos de pesquisa e no aporte teórico, mas também, a transfiguração de resistência diante de tantos desafios pelos quais os personagens passam.

Sob esse parecer, evidencia-se a dimensão do “conjunto” que se dá pelo elo com a ancestralidade, o qual fortifica as expressões tradicionais, pelos quais alguns povos do continente africano possuem o costume de zelar, e têm sido abordados em seus registros literários. Dessa forma, Chaves (2010, p. 10) descreve a significação desse contexto na hodiernidade:

[...] teoricamente compreendemos que a noção de totalidade, perdida com a fragmentação do sujeito que a modernidade nos trouxe, é o elemento de fundo das sociedades tradicionais africanas. E convive, como lastro cultural, mesmo nos setores que procuram se localizar nas fronteiras da modernidade. Porque sobrevivem ali certas noções evocativas da harmonia. Sobrevive, mais do que como nostalgia, a crença num saber inquestionável, que é tributário de uma cosmologia que não é vivida, às vezes nem conhecida por nós.

Alicerçado nisso, a estudiosa exprime que a divisão imposta pelo mundo moderno em consonância com o capitalismo introduzido pela cultura ocidental, que visa avigorar o individualismo na sociedade, tem conseguido deixar por perecer essa questão da *totalidade*, instituída como valor pelas comunidades tradicionais africanas. A despeito disso, os escritores com a intenção de preservarem esse preceito antigo, que segundo a autora evoca a *harmonia* que de fato representa a maneira de ser desses habitantes, disserta sobre ele nos seus livros com o desígnio de perpetuarem os ensinamentos deixados pelos que passaram. Portanto, aponta a relevância de manter viva a recordação dos que partiram, além de recuperar uma imagem identitária desconhecida por parte do mundo.

Em relação a isso, é salutar discutirmos a oralidade, meio pelo qual os conhecimentos e histórias são propagados para os que ficaram, cujo aspecto é retratado na série, como mostra o episódio um, da segunda temporada, no qual Harper questiona à sua mãe acerca de seus antepassados, isso após ter se deparado com Daisy (sua bisavó) em 1930. A partir de então, a mãe da garota fala da existência de um baú, onde a avó Marrie (de quem Harper herdou o nome) guardava tudo e ficou para as posteridades. No baú há fotografias, um vestido de casamento usado pela avó e a pulseira que a protagonista deixou cair ao voltar às pressas para 2020, e Sam, ainda criança, a encontra.

Na mesma temporada, episódio três, Topher questiona como sua mãe sabe das coisas sem estar lá, já que a mesma manda Daisy (fingindo ser sua bisneta) dar algumas recomendações ao menino. Esta diz que a família possui mulheres com o dom da visão, e que ela tem letramento disso porque Grace havia informado aos filhos que as visões pulavam uma geração e geralmente quando as tinham eram sobre alguma coisa ruim. Ao comerem, Elijah comenta sobre a possibilidade de os meninos voltarem para a escola e eles querem saber quem ficará ajudando nas tarefas de casa, então Sam argumenta que sua mãe cismava que o marido não era mais um jovem, ou seja, o menino faz menção ao que a mãe tinha orientado enquanto viva. Harper contempla a imagem de



Grace, Sam entra e fala que estava pensando no que Elijah falou da venda do terreno e a garota fala da visão, é aí que o garoto fala da instrução de Grace sobre a visão. Por fim, no episódio cinco, Sam (adulto) em 1960 explica à Savannah que quando Grace adoeceu ela se banhava nas termas constantemente, pois acreditava que se curaria pelo poder do cristal.

Todas essas vivências, abordadas nos dois últimos parágrafos têm por finalidade o que se contempla no seguinte excerto: “A voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes / recolhe em si / as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas” (Evaristo, 2017, p. 25). Isto é, lidar com determinadas situações a partir das aprendizagens adquiridas pela escuta, o que repercute tanto na vida pessoal como no âmbito social.

Vejamos que, nos dois instrumentos analisados, cada uma das narrativas estimula uma postura de reivindicação, que percorre diferentes tempos até chegar ao novo, indicando que lutas sempre tiveram, e cada uma delas rendeu algum fruto. Porém, no decorrer que o tempo passa o mundo se transforma, existem contextos com mais entraves que outros, e essas realidades se modificam sobretudo com o senso crítico, vinculado à educação. Somado a isso, acrescentamos a fala de Chimamanda Ngozi sobre os impactos das histórias na vida humana:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2009, p. 16).

Sob esse viés, fica notável o potencial das histórias no cotidiano da sociedade, pois, por meio delas, é possível descobrir e analisar realidades tanto de cunho formativo como difamador. Na série, inicialmente era desconhecido que o hotel Tremont pertenceu à família da Harper. Essa descoberta se dá, a princípio, pelas ocorrências paranormais, as quais impulsionam os protagonistas a investigarem o motivo de o fantasma vagar pelos cômodos do prédio. Como consequência disso, o legado do hotel erguido pela voz dos brancos, sobretudo pela perversidade do juiz Walker, foi desconstruído, retificando as ilegalidades cometidas no passado.

Outrossim, vale ressaltar que essa dinâmica proporcionada pela oralidade pode ser considerada um eco fomentado pelas vozes das diferentes pessoas inseridas nesse processo, como narrado pela escritora afro-brasileira: “A voz de minha filha / recolhe em si / a fala e o ato. / O ontem – o hoje – o agora. / Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade.” (Evaristo, 2017, p. 25). A partir disto, entende-se que a manifestação desse eco perdura não somente como recurso de aprendizagem, mas também de garantia dos direitos, que se dá a partir do saber negado por muito tempo e fortalece o eco pela “vida-liberdade” que muitos batalharam para conseguir. A importância desse saber e do estudo no âmbito literário é mencionado abaixo por Chaves (2010, p. 10):

Na esteira dos problemas que a língua traz à tona, temos a questão da tradição oral como força moduladora desses processos literários. Certamente está aqui um dos maiores nós que essa produção nos coloca. O tema parece seduzir a todos, e um inventário do que temos escrito confirma a atenção despertada.

Sob essa perspectiva, constata-se a relevância da oralidade na construção de obras literárias africanas de língua portuguesa, pois essa característica além de sustentar a desconstrução de uma versão descontextualizada da história, ainda busca guardar a identidade de um povo que resiste mediante o instrumento da fala, como também pelo respeito aos conhecimentos ancestrais, que visa o crescimento da virtude humana.

Dessa forma, os autores sentem-se atraídos por escrever e estudar essa temática, que pode causar certos desentendimentos pelo fato de estarmos apoiados em uma racionalidade ocidental, como cita Chaves (2010). Por conseguinte, é pertinente tirarmos as vendas dos olhos para avaliarmos tais livros, de modo que a integridade que os autores esforçadamente tentam repassar seja mantida.

#### **4. Considerações finais**

Com base nas exposições e discussões feitas no decorrer desta pesquisa, podemos inferir que a literatura africana de língua portuguesa tem sido abordada de maneira pertinente por estudiosos e pelos próprios escritores dessa vertente, de modo a contribuir com a educação – sobretudo com a formação antirracista – e a análise de um processo histórico que se molda nas raízes ocidentais, que descaracterizou culturas e vidas de povos tradicionais e modernos. Posto isto, é imprescindível deixar de citar a necessidade de mais estudos acerca dessa temática e de sua atuação também no ensino básico.

É possível afirmar que os objetivos foram supridos de forma eficaz, pois a comparação feita teve uma função importante tanto na produção do trabalho em si, como no diálogo com a fundamentação teórica. Essa experiência foi essencial para o desenvolvimento e a contextualização dos itens apontados, permitindo que esse encaixe fornecesse coerência e explicitação da tese.

Vale ressaltar, que esta pesquisa é bastante pertinente para a formação pessoal e, sobretudo, profissional dos autores que o produziram, pois se trata de uma temática forte e essencial, tanto para debate no ambiente escolar quanto para a vida, sem intenção de conscientizar e promover igualdade, mas de sensibilizar e, por conseguinte, propiciar a equidade. Essa observação pode ser evidenciada a partir da experiência dos pesquisadores em estágio supervisionado, por ocasião da regência em turmas de anos finais do ensino fundamental, quando se constatou que alguns livros didáticos já contemplam essa questão social, no entanto, ainda muitos dos estudantes levam a temática na brincadeira. Isso enfatiza a necessidade de que as escolas reforcem a temática por meio de práticas pedagógicas que proporcionem a reflexão sobre o quanto os comportamentos racistas ainda vigoram no Brasil.

Por fim, cabe acrescentar que tal tendência de literatura é essencial para a construção de uma nação mais justa, devido sua estrutura promover a emancipação dos leitores e seu senso crítico. Assim, esperamos que pesquisas sobre a temática ganhem cada vez mais espaço na comunidade científica e que consigam se propagar nos ambientes formativos de Educação Básica e Superior.





## 5. Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., Companhia das letras, 2009.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais; coordenação de Djamilá Ribeiro).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2018.
- CHAVES, Rita. A literatura brasileira no imaginário nacionalista africano: invenção e utopias. In: CHAVES, Rita; SECCO, Carmen; MACÊDO, Tania (org.). **Brasil/África**: Como se o mar fosse mentira. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006, Cap. 3, p. 31-51.
- CHAVES, Rita. **A pesquisa em torno das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**: pontos para um balanço. Artigo mestre. Nº 7. Revista Crioula: 2010.
- COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. 1 ed. Companhia das letras, 2016.
- COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. 1 ed. Companhia das letras, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. 1 ed. Companhia das letras, 2022.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. 1 ed. Dublinense, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RUI, Manuel. **Eu e o outro – O Invasor ou Em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto**. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1987.
- SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. [prefácio Carmen Lucia Tindó]. Coleção Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.
- THOMSON, Tracey. **Segredos em Sulphur Springs**. Estados Unidos: Gwave Productions, 2021-2023. Série exibida pelo *streaming* Disney+. Acesso em: 01 a 13 jun. 2024.

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Curitiba: Editora Fael, 2010.

### Como citar – ABNT

SILVA JÚNIOR, Regilsom Magalhães da; SILVA, Laíze Lima da; SILVA, Jackeline Sousa. Análise comparativa literária entre Segredos em Sulphur Springs e Vozes-mulheres. **Revista Poiesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 22, e2024007, Dezembro, 2024. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74810>

### Como citar – APA

Silva Júnior, R. M. da., Silva, L. L. da., & Silva, J. S. (2024). Análise comparativa literária entre Segredos em Sulphur Springs e Vozes-mulheres. *Revista Poiesis Pedagógica*, 22, e2024007. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74810>

## Apêndice – Informações sobre o artigo

### Histórico editorial

**Submetido:** 02 de agosto de 2024.

**Aprovado:** 27 de novembro de 2024.

**Publicado:** 22 de dezembro de 2024.

### Conflito de interesse

Nada a declarar.

### Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

### Contribuição dos autores

**Resumo/Abstract/Resumen:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Introdução ou Considerações iniciais:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Referencial teórico:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Metodologia:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Análise de dados:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Discussão dos resultados:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Conclusão ou Considerações finais:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Referências:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Revisão do manuscrito:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva; **Aprovação da versão final publicada:** Regilsom Magalhães da Silva Júnior; Laíze Lima da Silva; Jackeline Sousa Silva.

### Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



### Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.



### Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.



### Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

### Editora

Cláudia Tavares do Amaral 

### Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.



### Publisher

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão – UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

